

A Metafísica como subárea da História: a noção de pressuposições absolutas em R. G. Collingwood

Metaphysics as a subfield in History: The concept of absolute presuppositions in R. G. Collingwood

Gustavo Freitas Pereira

USP

gustavofp@usp.br

Resumo

No final da década de 1930, o historiador e filósofo R. G. Collingwood (1889-1943) apresentou uma defesa da Metafísica perante os ataques da Filosofia Analítica. O viés positivista de autores como A. J. Ayer, Bertrand Russell e L. Wittgenstein buscava resolver os problemas da tradição intelectual do Ocidente por meio de uma abordagem mais próxima da lógica formal. Em *An Essay on Metaphysics* (1940), Collingwood tenta resgatar a pertinência da Metafísica enquanto problema filosófico essencial aproximando-a da História. Além disto, ideias polêmicas como a suspeita com relação ao valor cognitivo da Psicologia vêm à tona, marcando o estilo direto e acessível da linguagem collingwoodiana. Contudo, a noção emblemática do ensaio sobre a Metafísica de Collingwood é a ideia de pressuposições absolutas. Através deste conceito, Collingwood propõe uma alternativa para a avaliação epistemológica da Metafísica.

Palavras-chave: Filosofia da História. Metafísica. R. G. Collingwood

Abstract

By the end of the '1930s the British historian and philosopher R. G. Collingwood (1889-1943) presented a defense of Metaphysics against the attacks of Analytic Philosophy. The perspective of positivism, as present in authors such as A. J. Ayer, Bertrand Russell and L. Wittgenstein, involved an attempt to solve the problems of Western intellectual tradition through a linguistic and formal approach. In *An Essay on Metaphysics* (1940) Collingwood tries to retrieve the pertinence of Metaphysics as an essential philosophical problem by relating it to history and highlighting the idea of absolute presuppositions. This article discusses the main developments of this view and explores its basics implications.

Key words: Philosophy of History. Metaphysics. R. G. Collingwood.

Introdução

No final da década de 1930, o historiador e filósofo R. G. Collingwood (1889-1943) apresenta uma defesa da Metafísica perante os ataques da Filosofia Analítica. O viés positivista de autores como A. J. Ayer, Bertrand Russell e L. Wittgenstein buscava dissolver os problemas da tradição intelectual do Ocidente por meio de uma abordagem mais próxima da lógica formal. Em *An Essay on Metaphysics* (1940)¹, Collingwood tenta resgatar a pertinência da Metafísica enquanto problema filosófico essencial aproximando-a da História. Além disto, ideias polêmicas como a suspeita com relação ao valor cognitivo da Psicologia vêm à tona, marcando o estilo direto e acessível da linguagem collingwoodiana. Contudo, a noção emblemática do ensaio sobre a Metafísica de Collingwood é a ideia de pressuposições absolutas. Através deste conceito, Collingwood propõe uma alternativa para a avaliação epistemológica da Metafísica.

O que está em jogo na apresentação do conceito de pressuposições absolutas é o abandono da Metafísica como uma busca secular pelo ser puro e a revisão da relação epistêmica entre Filosofia e História. Enquanto interpretação alternativa do papel da Metafísica, Collingwood instaura, simultaneamente, uma crítica à postura positivista do século XX e uma ruptura com a visão tradicional acerca da natureza epistemológica da Metafísica. Enquanto revisão da relação entre História e Filosofia, o conceito de pressuposições absolutas apresenta um horizonte metodológico que ressalta o valor do questionamento nas Humanidades.

1 Ayer e Collingwood

Para compreendermos as propostas de Collingwood com relação à Metafísica, é preciso reconstruir minimamente o diálogo de seu ensaio com o livro de A. J. Ayer, *Language, Truth and Logic* (1936). Segundo o responsável pela edição mais recente de EM, Rex Martin, “o texto de Collingwood pode muito bem ser interpretado como uma tentativa inteligente e bem orientada de responder aos principais argumentos de Ayer” (Collingwood, 1992 [1940], p. xxv). Também o próprio Ayer, em *The Philosophy of the Twentieth Century* (1982), reivindica responsabilidade pela origem de muitas das ideias defendidas por Collingwood. Ressalta ele:

Acredito que possuo alguma responsabilidade pelo surgimento do conteúdo da metafísica de Collingwood. Ela contém várias referências ao meu *Language, Truth and Logic* e ostenta condenações aos positivistas lógicos por terem como base de seus ataques à metafísica um mal-entendido sobre o assunto e também por servirem à causa da irracionalidade. Houve, de fato, um curto intervalo de três anos entre as publicações dos dois livros, mas Collingwood respondeu a mim em suas aulas em Oxford durante aquele período, e de qualquer maneira não sugiro que sua metafísica não passe de uma refutação do meu *Language, Truth and Logic*.

A partir deste ponto, Ayer (1982) passa a reconstruir criticamente a argumentação da Metafísica de Collingwood, expressando discordância com relação aos principais pontos, como a

¹ Daqui por diante, EM.

noção de que por trás de qualquer sentença existe uma pressuposição. Ayer acredita, numa concessão prudente e sutil, que as pressuposições poderiam se relacionar apenas com as questões estritamente científicas, tal como sugeriria o pensamento de Bacon, em que a natureza se torna vítima de tortura e questionamento para exibir respostas aos cientistas. Para Collingwood, ao contrário, cada traço de uma cultura pode ser interpretado historicamente de acordo com as pressuposições que engendra.

Mesmo que Ayer modesta e ironicamente defenda que não acredita que o texto de Collingwood seja simplesmente uma refutação de seu livro, Martin defende a tese de que a essência da Metafísica de Collingwood consiste, sim, na refutação da tentativa de Ayer de agrupar os enunciados significativos de uma linguagem em dois conjuntos: os analíticos e os factuais empíricos (*in* Collingwood, 1992 [1940], p. xxv). Para Collingwood, não sem ironia, existe um terceiro conjunto de enunciados significativos: os enunciados filosóficos. Em última instância, Collingwood concorda com Ayer sobre dizer que os enunciados metafísicos não são verificáveis, mas não enxerga nisto um critério de demarcação para enunciados significativos e enunciados desprovidos de valor cognitivo. Martin compara Ayer e Collingwood nestes termos:

As diferenças entre Ayer e Collingwood, contudo, são tão importantes quanto as semelhanças. Ayer pensava que, por causa das formulações metafísicas tradicionais, concebidas como sentenças comuns, as sentenças metafísicas não eram verdades analíticas e tampouco enunciados empíricos, não possuíam sentido e, por esta razão, não possuíam valor de verdade. O ponto de Collingwood era bem distinto e defendia que pressuposições absolutas não possuem valor independente de verdade; embora dotadas de sentido quando enunciadas, não são assertivas de fato. De acordo com Collingwood, estas pressuposições não são concebidas como *pseudoproposições*, sem sentido, são mais não-proposições para as quais a expressão "sem sentido" se torna totalmente inapropriada (*op. cit.*, p. xxvi).

Para Ayer, portanto, a linguagem da Metafísica era desprovida de sentido, por não denotar verdades analíticas e nem estados de coisas verificáveis. Por esta razão, e ecoando o espírito do positivismo britânico, enunciados metafísicos não deveriam contar com interpretações filosóficas ou científicas. Para Collingwood, ao contrário, a Metafísica não era interdita por causa da ausência de verificação de seus termos; sua tarefa era a de desvendar o que sociedades ou sistemas científicos possuíam como pressuposições absolutas e relativas, mesmo estando estas variáveis distantes da possível aplicação do binômio falso/verdadeiro.

O pano de fundo deste embate entre Ayer e Collingwood é o que cada um assumia como princípios básicos na Teoria do Conhecimento. Neste sentido, Collingwood oferece seu ensaio sobre a metafísica como uma plataforma de oposição às principais diretrizes do realismo evocado em *Language, Truth and Logic*. A principal delas é uma suposta noção intuicionista sobre o conhecimento.

Collingwood acreditava que o positivismo lógico simplificava em excesso a interpretação sobre como se dão os atos de conhecimento ao defender que o que é conhecido não depende do ato mesmo de conhecer. E, como atividade complexa, o conhecimento exclui qualquer relato que o identifique com a simples apreensão ou irrefletida intuição. Neste sentido, qualquer sentença representa uma espécie de evidência para o que está submerso em meio a perguntas não feitas

expressamente. Para Collingwood, a teoria do conhecimento positivista não se permitia a busca por estas perguntas, interditando o caminho da Metafísica. No texto esta ideia aparece assim:

Encontro-me pensando "Isto é um varal", e se reflito meramente sobre este pensamento sem atenção, concluo que tenha acontecido assim: confrontei-me com uma coisa que em si mesma, a despeito do que qualquer um possa pensar, é apenas um varal; e, sendo um sujeito esperto, apenas "apreendi" aquele varal, ou o "intuí", pois é verdadeiramente um varal. E se jamais penso sobre isso exceto desta maneira casual e não-científica, sempre me contentarei em acreditar que o conhecimento não passa disto: uma simples intuição ou apreensão de coisas que nos confrontam e que elas mesmas são o que intuimos ou apreendemos delas (*op. cit.*, p. 34).

O pensamento científico, como defende Collingwood, é um exercício de questionamento, assim como a Metafísica o é. Ambos compartilham a natureza inquiridora, e, se um cessa, a outra falha. A diferença, contudo, reside nos objetos de estudo.

Enquanto o cientista procura respostas para as perguntas sobre os fenômenos no mundo, o metafísico procura as respostas para as questões sobre a atividade questionadora do próprio cientista. Dito de outra maneira, uma vez sendo o cientista responsável pela explicação dos eventos físicos, o metafísico, o historiador e o filósofo tentam desvelar o que é uma "explicação científica" ou o que significa "acontecimento" ou "evento" para o cientista. Não há exclusão entre um domínio e outro. "O nascimento da ciência, em outras palavras o estabelecimento do pensar ordenadamente, também é o nascimento da Metafísica" (*op. cit.*, p. 41). Aliás, Collingwood não espera que um cientista que não se ocupe do questionamento sobre as pressuposições de seu campo de pesquisa se destaque dos demais (*op. cit.*, p. 44).

2 Pressuposições absolutas

Pensar cientificamente ou pensar metafisicamente é pensar com rigor e perseguir de forma hábil as respostas. Metaforicamente, Collingwood sugere que pensar é uma caça, e uma caça ordenada por um método que requer energia e também astúcia. O objetivo último da análise de um complexo de perguntas e respostas são as pressuposições absolutas, pressuposições estas que possibilitam e animam seja uma ciência ou um grupo social em suas atividades religiosas, culturais, intelectuais ou econômicas.

Collingwood sugere um exemplo e convida o leitor a um experimento. O exemplo serve para ilustrar o *modus operandi* da Metafísica e também para salientar a diferença entre pressuposições absolutas e relativas. O leitor, neste caso, estaria à espreita de um cientista interessado em discutir as atividades de seu domínio de pesquisa e a responder perguntas que pudessem ser feitas sobre seu trabalho. O interrogatório levaria o leitor à percepção de que algumas respostas do cientista podem estar relacionadas com pressuposições mutáveis, isto é, pressuposições substituíveis, e que, na ausência delas, o domínio científico em questão não entraria em colapso. Estas seriam as pressuposições relativas. O exemplo continua e a

impaciência do cientista surge como um sinal de que suas pressuposições absolutas foram tocadas. Estas pressuposições são invariavelmente condições de existência para aquela ciência; sem elas o edifício cognitivo perde qualquer tipo de sustentação.

No que tange à distinção entre os tipos de pressuposições, a uma pressuposição relativa poder-se-ia oferecer sempre uma justificativa. No caso de uma pressuposição absoluta², a necessidade de justificativa não ocorre. Sendo assim, ela é apenas pressuposta. É o objetivo do historiador reconstruir este complexo e trazer à luz estas pressuposições científicas, existentes porém não externadas. O comentário de Peter Johnson resume a posição de Collingwood da seguinte maneira:

Ao estabelecer diferenças de tipo, aqui, o metafísico presta atenção ao que uma visão de mundo toma por garantido com o objetivo de permanecer o que ela é. Uma vez que pressuposições relativas mudam através do padrão do processo de questionar, e pressuposições absolutas não, mapear a diferença possibilita ao metafísico revelar no que uma forma de vida histórica se baseia. Ao alcançar este resultado, a Metafísica está quase tão próxima da História quanto a Genética está próxima da vida sendo ela reveladora sobre o que é fundamental em qualquer imagem do mundo.

Ayer, como debatedor tardio, critica estes pontos apenas na década de 1980. Ele parece cético com relação à noção mesma de pressuposição, seja ela relativa ou absoluta. Segundo Ayer, não é verdade que toda e qualquer sentença seja uma resposta a uma pergunta implícita, pelo simples fato de que a pergunta pode ser já explícita. Além disto, Ayer defende que não é a análise do processo de pensamento dos cientistas que determina a compreensão de suas pressuposições, e sim a análise lógica das estruturas das teorias que eles ofereceram.

Outro ponto atacado por Ayer é a aversão de Collingwood à Psicologia enquanto ferramenta para a compreensão de questões metafísicas (Ayer, 1982, p. 200). Collingwood não faz justiça, segundo Ayer, para com os avanços experimentais em análises comportamentais, por exemplo. De qualquer maneira, Ayer não chega a refutar definitivamente os argumentos de Collingwood. Alguém poderia ainda lembrar que as estruturas das teorias científicas só chegam a ser o que são por causa das perguntas e pressuposições que abrigam. Mesmo assim, Ayer teria razão em apontar a impaciência conceitual de Collingwood para com a Psicologia como altamente limitadora (*op. cit.*, p. 200).

A própria natureza da noção de PA proíbe Collingwood de se apartar muito da Psicologia. Isto porque um grupo social possui suas pressuposições de maneira inconsciente. O termo inconsciente é inevitavelmente freudiano e exhibe caráter irre recuperavelmente psicológico. Autores como Stephen Toulmin e Alan Donagan se debruçaram sobre a função do pensamento inconsciente em Collingwood e parecem divergir. Para Donagan, Collingwood não teria saída e deveria aceitar que o objeto de estudo de Metafísica, tal como ele o apresentou, deveria ser objeto da Psicologia. Por outro lado, Toulmin acreditava que a aversão de Collingwood para com a

² Daqui por diante, PA; para pressuposições relativas, PR.

Psicologia pudesse ser levada adiante preservando, ainda assim, a consistência de sua teoria (Vanhheeswijck, 1994, p. 110).

Contudo, seguimos explorando a noção de PA proposta por Collingwood, principalmente no que diz respeito ao *rapprochment* entre Metafísica e História. Talvez, assim, o caráter interdisciplinar geral da ideia seja melhor avaliado.

3 Metafísica e História

Pensar cientificamente, para Collingwood, significa perguntar e responder. As perguntas precisam surgir (*arise*), elas devem ostentar eficácia lógica. As respostas, por seu turno, devem obedecer às regras instiladas pelas evidências. O historiador das ideias torna-se, assim, um arqueólogo em meio a um terreno permeado de pontos de interrogação. Seu objetivo é escavar o sítio dos significados que subjazem às evidências. Qual seria a ilustração específica para esta ideia no texto de Collingwood?

No sexto capítulo de EM, a compreensão do desenvolvimento histórico da Física é oferecida como exemplo. As PA de três estágios cruciais, segundo o autor, são apontadas. O início da discussão toma a Física newtoniana como objeto. Nela, assume-se que alguns fenômenos têm lugar de acordo com leis. Outros eventos, por outro lado, originam-se causalmente. Desta maneira, um corpo em movimento retilíneo uniforme tem sua atividade determinada por leis naturais. Se a trajetória desse corpo for alterada, aí, sim, a modificação se dá por meio de uma causa, por exemplo, o impacto com outro corpo.

O exemplo prossegue analisando a Física do século XIX, influenciada, segundo Collingwood, pela Filosofia kantiana. Todos os eventos ocorrem por meio de causas. "A peculiaridade da Física kantiana é que utiliza a noção de causa e de lei, poderíamos quase dizer, como correlatas: ela interpreta todas as leis da natureza como leis em que operam causas, e todas as causas da natureza operando de acordo com uma lei" (Collingwood, 2002 [1940], p. 50).

O exemplo é finalizado apresentando a Física moderna como tema. Segundo Collingwood, no pensamento físico contemporâneo – e ele tinha em mente a Física de Einstein –, a noção de causa foi abandonada. Todos os eventos físicos se dão de acordo com leis, e não causas. Aqui, podemos evocar um crítico de Collingwood para levarmos a interpretação a sério. Karl Popper, em *A Lógica da Pesquisa Científica* (1972, p. 63), tenta excluir da epistemologia o princípio da causalidade por ser um princípio metafísico, não-passível de verificação. Em última instância, o princípio da causalidade, para a Física moderna e para Popper, seria tautológico ou um enunciado sintético não verificável; um princípio, portanto, dispensável para qualquer relato responsável sobre a racionalidade científica.

Voltando ao exemplo de Collingwood, as PA dos três estágios da Física mencionados apresentar-se-iam da seguinte maneira: a) a Física newtoniana pressupõe que alguns eventos possuem causas; b) a Física do século XIX pressupõe que todos os eventos possuem causas; e, finalmente, c) para a Física do século XX, nenhum evento possui causa. Neste caso, Collingwood

pretende ter apresentado a rubrica do estudo da Metafísica como “em tal fase o pensamento científico pressupõe absolutamente que...” (2002 [1940], p. 55). Além disto, a Metafísica estaria isenta da tarefa de apontar qual das pressuposições seria verdadeira, uma vez que buscar a verdade de uma PA seria *nonsense*.

A esta altura perguntamos: qual é o caráter histórico da Metafísica? Respondendo: todas as perguntas sobre o que é ou foi pensado são perguntas históricas. A pergunta “o que é ou foi pressuposto pelas leis de Newton?”, de maneira semelhante, seria uma pergunta histórica porque se refere ao processo de desenvolvimento do pensamento científico. Mais ainda, este tipo de questionamento ou de investigação estaria intimamente ligado à interpretação das evidências. E é neste ponto que Collingwood suspende o exemplo:

É somente quando a consciência histórica alcança um certo nível de maturidade que o homem compreende quão diferentemente pensaram diferentes grupos de pessoas. Quando um homem busca por pressuposições absolutas, é provável que ele investigue o que é pressuposto absolutamente em sua própria época por seus próprios compatriotas, ou, de qualquer maneira, por pessoas pertencentes ao mesmo grupo do qual faz parte. Isto, obviamente, já é uma investigação histórica.

As perguntas colocadas pelo historiador ou pelo metafísico não o levam somente ao conhecimento do que foi pressuposto ao longo do desenvolvimento do pensamento científico, mas também a uma avaliação geral das tensões envolvidas nas substituições das constelações de pressuposições ao longo do tempo histórico. É esta característica da ideia, contudo, o principal alvo de críticas. O cerne das críticas, poderíamos dizer, consiste nesta pergunta: se ao metafísico não cabe a investigação sobre a verdade das PA ao longo do processo histórico do pensamento, como estabelecer critérios racionais para a compreensão das mudanças, seja da noção de causa na Física newtoniana para a kantiana, seja a mudança da noção de um mundo divinamente criado e ordenado para a noção de evolução por seleção natural darwiniana, no caso da Biologia? Pode mesmo o historiador prescindir da noção de verdade e, mesmo assim, compreender como se deram as mudanças de quaisquer constelações de PA?

Ao que parece, quando a questão passa a ser a coerência da proposta collingwoodiana, algum critério racional para a compreensão das tensões e substituições entre PAs deveria ser oferecido, mesmo porque a metafísica de Collingwood deveria estar de acordo com o conceito de *re-enactment*, que tem por condição de possibilidade a compreensão das ações humanas segundo a racionalidade implícita. William Dray (1999, p. 140-149) defende que Collingwood estava consciente do problema ou da possível inconsistência, mas pouco fez para apresentar uma alternativa plausível. A defesa de Collingwood, neste sentido, só seria possível a partir de uma reformulação do argumento. Tudo indica que, assim como na defesa da lógica de pergunta e resposta como alternativa à lógica proposicional por parte de Collingwood, abdicar da noção de verdade confere um alto preço argumentativo para ele.

Porém, apesar destas aparentes inconsistências, a proposta collingwoodiana de uma reforma da Metafísica obtém ressonância, embora tardia. Grandes temas da História das Ideias no século XX foram antecipados em EM. Neste sentido, Rex Martin e Peter Johnson estão de

acordo quando aproximam Collingwood de Thomas Kuhn. A ideia de que o objetivo da História da Ciência deve levar em conta, de antemão, um processo em que não somente os métodos são mutantes ao longo do tempo, mas também os próprios problemas, é uma ideia central para o ensaio metafísico de Collingwood. Buscar a identidade das ideias que animaram ou animam sistemas cognitivos e descrever o processo complexo de mudança de pressuposições pode ser apontado como o germe da teoria de Kuhn sobre os paradigmas e as revoluções científicas. Apesar dos problemas que diagnosticamos na defesa de suas ideias escolhida por Collingwood, não podemos desconsiderá-las.

Conclusão

É possível perceber em Collingwood um esforço teórico fora do comum de tentar preservar temas e ressaltar o valor do conhecimento histórico. Seu esforço pretende apresentar trilhas alternativas àquelas que se perfilavam obedecendo ao roteiro estrito da lógica formal e das ciências empíricas. Muito provavelmente, Collingwood tenha errado em enxergar no conhecimento proposicional apenas o ponto de chegada do neopositivismo. Neste sentido, os lógicos teriam razão em descartar a oposição de Collingwood.

Collingwood tampouco obteve sucesso ao tentar desvencilhar a História e a Metafísica da noção de verdade. Seu sistema acaba por revelar a necessidade irremediável dela. O peso epistemológico da evidência histórica para Collingwood e sua atividade como arqueólogo atestam essa urgência.

Mas o mérito de sua proposta geral reside no resgate de discussões que, de acordo com o positivismo ingênuo, jamais seriam objeto de estudo. É o caso do folclore e da literatura como evidências históricas. Este salvamento possibilita o estudo de sistemas de crenças diversos e longínquos, de práticas sociais cujo absurdo aparente pode ocultar sinais elucidativos da natureza humana. O trabalho de Collingwood, de modo geral, antecipou o tom de alguns problemas filosóficos contemporâneos, fato que no Brasil ainda hoje não é reconhecido.

Mais recentemente, o trabalho de historiadores como John Dunn, Quentin Skinner, John Pocock e, também, Mark Bevir recuperou as ideias de Collingwood e as apontou não apenas como fonte de inspiração, mas como aporte teórico e conceptual. Nos trabalhos destes historiadores, é clara a preocupação com o método em História das Ideias desde a perspectiva que EM, de certa forma, inaugura. A busca pelas intenções autorais de Skinner se apoia, segundo ele, no preceito de Collingwood de que o historiador deve se ocupar das razões e motivações das personagens históricas para suas ações (Skinner, 2001, p. 175-188). Da Metafísica de Collingwood, Skinner herda a preocupação com o contexto e, também, a preocupação com a duração dos problemas. Isto é, acerca de se os problemas na História das Ideias são perenes ou não (Skinner, 1969, p. 3-53), Skinner opta pela visão de Collingwood em EM levando em conta e respeitando o contexto em que cada ideia foi apresentada e defendida.

Mark Bevir (2008), por sua vez, em sua reformulação crítica das ideias de Pocock e Skinner, não pretende oferecer um programa metodológico para a História das Ideias. O método, para este autor, não é fator determinante para o resultado da pesquisa histórica. Mas os ecos de Collingwood são percebidos quando ele defende que o objetivo do historiador das ideias deve ser a compreensão das redes de crenças que sustentam os edifícios cognitivos com os quais se depara o historiador. Neste caso, mesmo não defendendo nenhum tipo de metodologia específica, Bevir leva em conta, claramente, a noção de pressuposições de Collingwood.

Além do crescente interesse na História das Ideias, os historiadores de maneira geral se voltam para o exame de consciência que suas atividades de pesquisa exigem. Em ambos os casos, a leitura de Collingwood se faz necessária. Com relação ao método para a História das Ideias, a ideia de que a Metafísica possa ser levada adiante como uma busca historiográfica pelas ideias e seus efeitos nos sistemas cognitivos e também o intrincado processo de substituição é obviamente um desdobramento que merece atenção. Quanto à necessidade da análise de princípios metodológicos, as ideias de Collingwood devem figurar no horizonte de leituras porque sua contribuição partiu do interior da historiografia. Collingwood foi historiador e não vislumbrava apenas o céu platônico da metodologia perfeita para a História; ele partiu de problemas práticos e de sua atividade como arqueólogo para suas propostas teóricas. É bem verdade que seus argumentos, assim como em todos os outros filósofos importantes, carregam problemas. Mas da compreensão de suas ideias podemos saltar para uma oposição justificada ou, por outro lado, para a contribuição original a partir de resultados já conquistados e reconhecidos.

Referências

- AYER, A. J. 1982. *The Philosophy of the Twentieth Century*. New York, Vintage.
- BEVIR, M. 2008. *A Lógica da História das Idéias*. Bauru, Edusc.
- COLLINGWOOD, R. G. 2002 [1940]. *An Essay on Metaphysics*. Oxford, Clarendon Press.
- DRAY, W. 1999. *History as Re-enactment: R. G. Collingwood's Idea of History*. Oxford, Clarendon Press.
- JOHNSON, P. R. G. 1998. *Collingwood: An Introduction*. Bristol, Thoemmes Press.
- POPPER, K. 1972. *A Lógica da Pesquisa Científica*. São Paulo, Cultrix.
- SKINNER, Q. 2001. The Rise of, Challenge to and Prospects for a Collingwoodian Approach to the History of Political Thought. In: D. CASTIGLIONE; I. HAMPSHER-MONK (eds.), *I. History of Political Thought in National Context*. Cambridge, Cambridge University Press.
- SKINNER, Q. 1969. Meaning and Understanding in the History of Ideas. *History and Theory*, 8(1):3-53.
- VANHEESWIJCK, G. 1994. The Function of Unconscious Thought in R. G. Collingwood's Philosophy. In: *Collingwood Studies*, vol. 1, p. 108-123.